

A JANELA DE UMA SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO POSSIBILITADOR DE EXPERIÊNCIA VISIVA E DA NOÇÃO DE LUGAR DURANTE A DOCÊNCIA DE ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Maria Regina Montenegro Leite - E.E. Carlos José Ribeiro

Norberto Stori - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

O presente artigo pretende focar a experiência visiva da janela de uma sala de aula situação em que é flagrada a noção de lugar na aproximação entre os ambientes interno-externo e possibilidade de ampliação de novas perspectivas durante a docência da Arte no ensino fundamental de uma escola pública paulista.

Palavras-chave: lugar, janela, olhar, arte

Abstract

This article intends to focus on the experience of a window visiva classroom situation in which siswi the notion of place in the rapprochement between the external and internal environments-possibility of extending new perspectives during the teaching of art in elementary school, a public school.

Keywords: place, window, look, art

“Utilize, para se expressar, as coisas de seu ambiente”.

(RILKE, 1989, p.23)

O uso que Rilke (1875-1926) faz da expressão “seu ambiente” possibilita uma alusão identitária que é quando há um reconhecimento de si onde se está. Não há constrangimentos para expressar-se, pois a pessoa percebe-se parte daquele lugar, como se estivesse em casa, em seu domínio, em “seu ambiente”. Aquilo que lhe é próprio, que lhe afeta, lhe diz respeito, pertence de alguma forma a você. Faz você “pertencer” a tal ambiente, independe de suas raízes, sua procedência ou ainda o tempo de permanência local, já que as instâncias da vida se encarregam de agenciar provocantes situações sempre em movimento que conforme Magnoli:

“Pela mobilidade, o homem enriquece a vida, nos contatos com os lugares e com as comunidades; pela pausa, uma peculiar maior sedentariedade em

algum período, identifica-se, ele e a comunidade em um espaço, transformado - ora mais, ora menos; a relação consciente dos seres humanos com o meio que os abriga é irrefutável não pode ser evitada, impedida: é “fatal”; com toda diversidade de culturas da multiplicidade de cada um dos grupos sociais. O ritmo espacial da vida ilumina interior e exterior; do ser, do ente; da sensação de si no mundo; percepção, sentidos, idéias, imagens, pensamentos, emoções, prazer, significados, valores formam o contexto ambiental, em uma peculiar visão de realidade, no modo como cada sociedade constrói o *Stonehenge* que imagina, articula seu mundo simbólico: o espaço da existência. O sentido de lugar (topos), ligação com o meio, sentimento, emoção, afetividade, percepção, atitudes e valores do meio ambiente, cunhados por Tuan [Yu-Fu Tuan, escritor, geógrafo, sino-americano] como “topofilia”,... pensamento que relaciona-se às humanidades, ciências sociais, ciências naturais, espaço e morfologia, processos, métodos e procedimentos de construção e gestão (produção, desempenho, expectativas) do “fazer arquitetônico” [e do fazer artístico contemporâneo] em seus diferentes níveis escolares e nas diversidades culturais nas quais estão envolvidos. Formulação teórica a desenvolver um dos fulcros da questão; o outro fulcro diz respeito à natureza, na medida em que tem seu próprio sentido, caráter e significado.” (MAGNOLI, 2006, p. 146)



Figura 1 - Esta é uma imagem do cartaz da vídeoinstalação de Eder Santos exibido em 1994 no evento “Arte-Cidade 1”. Neste trabalho o artista exibe imagens filmadas através da janela de um trem e as projetava sobre uma montanha de terra dentro da sala de exposições. Eram imagens de cenas que alternavam seu ritmo conforme o que conseguisse o que uma janela de trem em movimento conseguisse capturar. Cenas que flagravam a aceleração e a lentidão com a interferência da textura da terra sobre a qual estavam sendo projetadas as imagens filmadas.

A idéia de lugar é produto de “apropriação” do espaço, sujeito das transformações que surgem no mundo. Lugar que é sítio, praça, “meio” que remete a trivialidade da experiência cotidiana e guarda estreita relação com a proximidade, intimidade com a pessoa. Trata-se de um movimento aproximativo que está presente no exercício do olhar em que, ambientes são visitados através das peculiaridades de seus percursos que constituem as experiências visivas.

Escrevo pensando no olhar do aluno através da janela de uma sala de aula, desviando o olhar lá para fora, sugerindo um desejo de ir para lá, sair, passear, sentir-se ao ar livre, atravessar paredes, portas, janelas, muros, cercas, territórios, sítios, ambientes, espaços. Um olhar que vagueia no “além” e que é muito comum nos ambientes de sala de aula não significando necessariamente que a aula esteja chata. Aliás, essa é uma situação que pode acontecer até fora do horário da aula.

A janela que tem a função de ventilação e iluminação, também proporciona uma experiência cotidiana de coexistência e convívio entre dois ambientes, o interno e o externo. Trata-se de um referencial que permite a observação de outros tantos referenciais. Através da janela entra a luz natural que permite a visão do mundo interior de uma sala de aula. Mas é também através da janela, que podemos ver lá fora e conviver com outras realidades simultaneamente ao que estiver acontecendo dentro da classe sem que isso, necessariamente, signifique prejuízo para a absorção do conteúdo transmitido naquela aula.

Certa vez, durante uma aula vaga – também chamada de janela em jargão usado entre professores, estava na sala de Arte desenhando a paisagem avistada pela janela. De repente, percebi que havia mais alguém na classe. Eram dois alunos (figuras 2 abc) da 6ª série que, silenciosamente, sentaram-se perto de mim e fizeram o mesmo, ficaram ali desenhando a vista daquela janela. Nem pude acreditar naquela atitude espontânea daqueles meninos, pois podiam estar brincando lá fora; afinal estavam em aula vaga...



Figuras 2 abc - A janela enquanto desencadeadora de experiência visiva



Figura 3a - Uma classe repetindo a mesma experiência das figuras 1abc.

Figura 3b - Os alunos já do lado de fora desenhando ao ar livre

Essa vivência foi compartilhada com os demais alunos (figura 3a) que repetiram a experiência de desenhar o que víamos através daquela janela. Isto foi um pretexto a mais para atrair os olhares para aquele cenário local que conforme a expansão daquela cidade, a tendência era desaparecer, portanto, precisava ser valorizado e ter testemunhos. Estas situações de aprendizagem junto à janela eram vivências que continham a perspectiva da travessia, preparo para a saída, uma aproximação ainda maior com a paisagem, o desenho ao ar livre (figura 3b).

A partir da experiência do desenhar aquilo que se via através da janela, sobreveio a necessidade de virar as cadeiras para a janela (fig. 5b), para enfatizar ainda o olhar que a atravessa. E mostrar, assim, a brevidade do tempo, que passa como quem passa lá fora... E que passa em nós, que somos espectadores e protagonistas das estações, estações que marcam as mudanças climáticas e interferem na nossa vida intrinsecamente. Dispomos as carteiras voltadas para a janela, onde sentamos ouvindo “As Quatro Estações” de Vivaldi (1678-1741) enquanto assistíamos a apresentação do “Desfile das Estações”. (figs. 5ab)



Figuras 4abcd - Alunos se preparam, maqueiam-se para a apresentação em que fazem parte do cenário externo à sala de aula



Figuras 5ab - Alunos apresentando os personagens - bonecos de papel (fig. 5a), que contracenavam com eles durante o desfile (fig.5b)

A janela abre espaço para se chamar atenção para dois assuntos de muita importância na arte relativos ao elemento luz e justaposição. Curiosamente, tanto a janela quanto a luz aludem a aspectos primevos, pois a etimologia da palavra janela deriva do latim vulgar *januella*, diminutivo de *janua* (ou *ianua*) que designava a porta, passagem, entrada, acesso. E *jānus* (*iānus*), substantivo masculino, designava passagem, arcada, pórtico ou galeria abobadada no fórum, onde os banqueiros e cambistas tinham suas lojas: *Janus medius*, a “Bolsa de Roma”, o meio do templo de Jano, onde ficavam os banqueiros. *Jānus* (*ian*), substantivo próprio masculino (Jano), era a divindade das portas de passagem, um dos principais e mais antigos deuses romanos, chamado “deus dos deuses” no hino dos sális, sendo o primeiro deus mencionado nas preces e a receber sua porção do sacrifício. Jano também mencionado como guardião do universo, abridor e fechador de todas as coisas, é representado por uma dupla cabeça que olha para frente e para trás, olha para dentro e para fora da porta. Tornou-se “Deus” dos inícios, das primeiras horas do dia, do primeiro mês do ano, dando origem também à palavra janeiro (*Ianuarius*), segundo Jorge (1995).

Também no livro bíblico do “Gêneses”, a criação da luz produziu o primeiro dia. A luz antecede todos os demais elementos que configuram a experiência perceptiva visual uma vez que sem ela não seria sequer possível a visão, a criação de volume e espaço, conforme Arnheim (1980).



Figura 6 - “O astrônomo” (1668) pintura de Johannes Jan Vermeer (1632-1675). Óleo sobre tela, 51X45cm - Museu do Louvre, Paris, França. O quadro “O astrônomo”, como muitos outros de Vermeer, mostra uma pessoa perto de uma janela à esquerda, de onde vem a luz que ilumina o assunto do quadro: o mundo investigado pelo astrônomo que se projeta em direção ao manuseio do globo. A pintura chama atenção pelo contraste do claro escuro.

A luz está intimamente ligada ao espaço, é ela que produz a sensação de espaço. Mas também a questão do tempo, pois conforme Jorge: A ação intermediária da janela entre os espaços interior e exterior implica uma determinada forma de arbitrar a relação tempo e espaço. A luz informa ao ambiente o transcorrer do tempo. Ela tinge o ambiente com infinitos tons, com a infinitude do tempo, ou até com a transcendência do espaço: o percurso da luz dentro das igrejas e dos templos foi muito explorado na distribuição das imagens e dos locais específicos para cada ato litúrgico. A relação interno-externo não pode ser dissociada das noções temporais de sincronia, simultaneidade, justaposição.

Assuntos estes, também abordados na visita de monitores do Projeto Coexistência (figuras 7 abc) na escola, oportunidade para conversarmos a respeito do tema da 27ª Bienal, “Como viver junto”, ocorrida em 2006.



Figuras 7 ab - Cenas durante a visita do Projeto Coexistência

O “Projeto Coexistência Vai Às Escolas” faz parte da exposição “*Coexistence*” (www.coexistencia.org.br) que busca trazer à comunidade mundial a mensagem de diversidade, aceitação do outro, procurando despertar o diálogo, o entendimento e o respeito pelo próximo, onde quer que seja realizada. As escolas recebem uma dupla de monitores que trazem reproduções painéis da exposição para a realização de atividade após discutirem suas ideias e sentimentos frente às imagens.

Em minha história pessoal, a janela também se relaciona de alguma forma com o preparo, com a música, cultura e alegria. Quando criança achava graça ao ouvir uma alegre música nordestina, que tinha o ritmo de um xote ou baião, que juntava ao meu nome (pronunciado com forte sotaque regional) uma *janela* (que não sabia o que era). Só muito tempo depois descobri o que era de fato uma janela. Nesta música pode-se notar a presença cultural, contida na expressão “du jeitim da terra dela”. E há presença de lugar, contida na expressão “janela”. A letra da música era assim: “*Inda onti vi Régina, Ricustada na janela, Pintiano so cabelu, Du jeitim da terra dela.*” (canção popular de autoria desconhecida)

Na Dinamarca, o encanto de suas janelas arrumadas como verdadeiras vitrines, se deve a uma antiga história popular local em que mulheres acendiam pequenos candeeiros e iam para as janelas, permanecendo ali recostadas à espera de seus maridos que retornariam de suas pescas diárias. Em “O livro de San Michele” de Axel Munthe, o autor descreve a impactante visão que teve de uma janela que era como uma *veduta* - emolduramento de uma determinada cena de paisagem, exibindo o esplendor azul do mar daquele lugar, capaz de fazê-lo deixar para trás

definitivamente sua terra natal, estabelecendo-se, então, na rústica ilha de Anacapri, na Itália. São promessas de janelas que se abrem para decididas transformações na vida de uma pessoa.

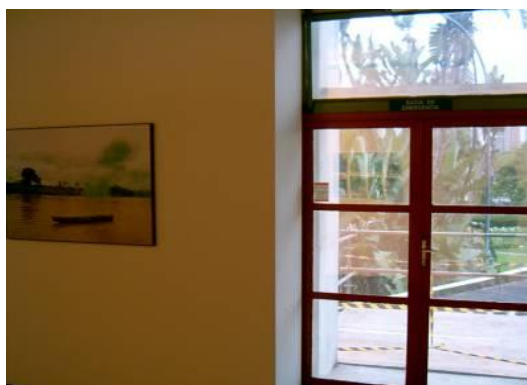


Figura 7 - Esta foto foi tirada em 2006, por Juliana Monachesi (crítica de Arte) e mostra dentro de uma sala de exposições de Arte durante a exposição “Paralela Bienal”. É uma imagem que está dividida ao meio e mostra dois ambientes: um interno e outro externo. Inicialmente, o que chama a atenção é o contraste de luz entre as duas partes. A primeira parte mostra um ambiente interno do recinto de exposições, onde há uma parede com uma imagem fotográfica pendurada (foto da artista Camila Sposati) que pretende estabelecer uma relação com o que se vê através da janela numa tentativa de mimetização do contexto onde está exposta. A 2ª parte está mais clara do que a primeira e mostra uma janela exibindo o ambiente externo que é o Parque Ibirapuera.

Referencias

ARNHEIM, Rudolf. “Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora”. São Paulo: Pioneira, 1980.

JORGE, Luís Antônio. “O desenho da janela”. São Paulo: Annablume, 1995.

MAGNOLI, Miranda. (Org.) Revista Paisagem Ambiente: ensaios edição especial n. 21. São Paulo: FAUUSP, 2006.

Norberto Stori.

Livre Docente em Artes Visuais – Instituto de Artes da UNESP/SP. Mestre e Doutor - Universidade Presbiteriana Mackenzie/UNESP. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie SP. Artista Plástico.

Maria Regina Montenegro.

Mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie SP. Licenciatura Plena em Artes Plásticas FAAP. Professora da E.E. Ana Macieira de Oliveira. Artista Plástica.